

**ACOLHER, CUIDAR E RESPEITAR:
contribuição para uma teoria e técnica do acolhimento em saúde mental**

Dulcineia Sonneborn¹
Graziela Werba²

Resumo

Este artigo versa sobre o acolhimento psicológico como uma modalidade breve de atendimento psicoterapêutico cada vez mais presente nas clínicas públicas e privadas, o Acolhimento. Nesta proposta buscamos aproximar os conceitos mais pertinentes ao que existe enquanto prática de acolhimento, objetivando também contribuir na literatura sobre o tema. Ao pesquisar sobre o acolhimento podemos perceber que independente das opções teórico-técnicas que cada profissional faz a priori, existe nele um potencial a ser desenvolvido para escutar e receber com solidariedade e respeito a pessoa que busca este atendimento. Por fim, apresentamos brevemente nossa prática na Clínica – Escola de Psicologia da Ulbra Torres.

Palavras Chave: Acolhimento, Saúde Mental, Psicologia.

Introdução

Este artigo versa sobre o acolhimento psicológico como uma modalidade breve de atendimento psicoterapêutico cada vez mais presente nas clínicas públicas e privadas. Trata de uma forma de atendimento demandada em situações conflituosas emergentes e urgentes, quando uma pessoa sente necessidade de acessar imediatamente o recurso da psicoterapia. Em geral esta pessoa está buscando um entendimento para uma situação momentânea e alívio para os sintomas daí

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia Ulbra Torres

² Professora Pós Doutora em Psicologia – Ulbra Torres

decorrentes, sendo que entre os sinais mais comuns se destacam intensa ansiedade, desorganização emocional desencadeada pelos pensamentos conflitivos que irrompem sem controle e desordenadamente, causando mal-estar, confusão emocional, e em alguns casos, até mesmo ideação suicida.

Por sua prontidão em responder a demanda, o acolhimento é uma modalidade de atendimento em serviços de saúde públicos, mas também cada vez mais praticados em instituições privadas. Todavia ao se buscar referencial teórico para esta forma de atendimento, se percebe uma limitação significativa na produção científica. Uma das primeiras dificuldades encontradas na construção teórica em produções sobre a técnica do acolhimento é justamente a sua conceituação.

Buscamos neste artigo aproximar os conceitos mais pertinentes ao que existe enquanto prática de acolhimento, objetivando também contribuir na literatura sobre o tema. Ao pesquisar sobre o acolhimento podemos perceber que independente das opções teórico-técnicas que cada profissional faz a priori, existe nele um potencial a ser desenvolvido para escutar e receber com solidariedade e respeito a pessoa que busca este atendimento (WERBA, 2004).

A pesquisa bibliográfica sobre a matéria mostra que não há uma definição exclusiva sobre acolhimento, mas na prática tem confirmado especial adequação para a escuta das mulheres em situação de violência, permitindo que possam explanar problemas sem se sentirem julgadas ou acusadas de alguma forma. Assim, através de escuta sensível e qualificada é possível uma organização emocional destas, a fim de que no futuro, possam refletir e elaborar um entendimento diferente sobre as condições que viviam até a busca do atendimento. Se faz necessário lembrar que estas mulheres tendem a permanecer na situação de violência por algum tempo, sendo recorrentes aos serviços de saúde e ao socorro policial. Os retornos frequentes aos serviços acabam desgastando tanto a mulher, quando a pessoa que a escuta, podendo ocorrer o que denominamos de revitimação, ou seja, a inadequação do atendimento para a vítima, chegando por muitas vezes ao maltrato institucional.

No acolhimento, se faz necessário, além de uma escuta respeitosa, uma postura continente, com o mínimo de interferências, e no final da sessão se reserva

alguns instantes para verificar como a pessoa se sente e se o fator organizador do acolhimento pode ser observado (WERBA, 2013).

Em função do que se tem visto em termos de acolhimento, vemos hoje que a escuta é o principal foco deste tipo de psicoterapia, na qual não se busca a análise, interpretação ou qualquer outro recurso de intervenção mais mobilizadora de ansiedade. Interessante pensar que a palavra escuta vem do Latim *auscultare*, “ouvir com atenção”, derivado de *aus*, “ouvido”.

A escuta deve estar pautada no respeito e solidariedade e isenta de julgamento e juízo de valor, a fim de que seja assegurado, um espaço acolhedor em que a pessoa possa expressar seus sentimentos e experiência que lhe causa sofrimento psíquico (WERBA, 2013).

Escutar, Acolher e Respeitar

Sabe-se que há uma demanda nas comunidades para atendimento referente a situações de violência, perdas inesperadas e recentes, ou envolvendo questões de conflito sem indicação para a psicoterapia. Nestes termos, entendemos que o acolhimento é a modalidade psicoterápica melhor indicada. A validade do acolhimento pode ser observada na experiência da Clínica-Escola de Psicologia da ULBRA, bem como, em outras universidades em que o serviço de plantão psicológico desenvolve atividades em condições similares, considerando apenas algumas variáveis no protocolo de funcionamento e referencial bibliográfico que sustenta e constitui o aporte teórico-prático.

Furigo et al. (2008), comenta que no atendimento realizado pelo plantão psicológico da Clínica Escola do Sagrado Coração, em Bauru (SP), a equipe de trabalho abraçou o objetivo de romper com o modelo clássico da prática psicoterápica. O fato se deu devido a grande disponibilidade de tempo de um dos estagiários da clínica, que desejava ocupar-se em plantões. O que se observou foi a redução da fila de espera em torno de 30% daqueles que procuravam atendimento psicoterápico na referida instituição.

O acolhimento, para aquela equipe de trabalho, consistia em uma profunda crença na capacidade do indivíduo enfrentar e superar suas próprias crises (FURIGO, 2008).

O cuidado como base no acolhimento

Voltando a questão teórica, vemos em Paulo Freire (2011) a ideia de que todos somos transformadores do mundo, suscitando reflexões acerca da importância da comunicação e da conexão entre as coisas. Assim constatamos que acolher vem do latim *acolligere*, “[...] levar em consideração, receber, acolher”, de ‘ad’, “a”, mais *colligere*, “[...] reunir, juntar”, este formado por ‘com’, “junto”, mais *legere*, “[...] reunir, coletar, recolher”.

Ferreira citado por Neves e Rollo (2006), comenta que acolher é dar acolhida, admitir, aceitar, dar ouvidos, dar crédito a, agasalhar, receber, atender, admitir. Em um antigo dicionário da língua portuguesa consta: acolhimento “[...] s. m. V. acolhida. Acolhida, s. f.1. Ato ou efeito de acolher; recepção. 2. Atenção, consideração. 3. Refúgio, abrigo” (SILVA et al., 1982).

O site da Biblioteca Virtual em Saúde refere que acolhimento é uma postura ética que implica na escuta do usuário em suas queixas, no reconhecimento do seu protagonismo no processo de saúde e adoecimento, e na responsabilização pela resolução, com ativação de redes de compartilhamento de saberes. Acolher é um compromisso de resposta às necessidades dos cidadãos que procuram os serviços de saúde (ACOLHIMENTO, 2012).

Para Merthy o acolhimento é entendido não como um espaço ou local, mas como uma demanda, uma postura ética proveniente do estabelecimento de uma relação humanizada, responsável e de compartilhamento (GOMES; PINHEIRO, 2005). Neves e Rollo (2006), destacam que o acolhimento expressa uma ação de aproximação, estar com, estar perto de alguém que envolve uma atitude de inclusão.

O acolhimento não é um espaço ou um local, mas uma postura ética que não pressupõe hora ou profissional específico, porém qualificado, para fazê-lo e implica compartilhamento de saberes angústias e invenções. Isto significa dizer que

o acolhimento não precisa de horário marcado, embora possa acontecer. Além disso, que qualquer pessoa com qualificação em saúde mental pode fazer a acolhida.

Um outro conceito afim ao acolhimento é o do cuidado, sobretudo se considerarmos a ideia de que o objeto do campo da saúde, não é de fato a promoção e nem a proteção da saúde, mas a produção de cuidado para alcançar este fim (RAMOS; PIO, 2010).

O tema do cuidado e do cuidar conta com a contribuição de Boff (2003), que parte do estudo da etimologia da palavra e transita entre vários aspectos que se interligam. Ele explica que cuidado deriva do latim *cura* ou *coera*, comumente presente em contexto de relações de amor e amizade, expressando atitude de cuidado, desvelo, solicitude, atenção, preocupação e até inquietação pela pessoa amada, um grupo ou algum objeto de estima. Abrange mais do que um momento de atenção. Representa uma atitude de ocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo contínuo com o outro: “O cuidado não se esgota num ato que começa e acaba em si mesmo. É uma fonte permanente de atos, atitude que se deriva da natureza do ser humano”. (BOFF, 2003, p.28),

Outros sentidos do cuidado são destacados e denominados de cuidado-amoroso, cuidado-preocupação e o cuidado-proteção-apoio, os quais são considerados como existenciais, ou seja, “[...] dados objetivos da estrutura de nosso ser no tempo, no espaço e na história. São prévios a qualquer outro ato e subjazem a tudo o que empreendemos. O cuidado é da essência humana. Por isso não é erradicável” (BOFF, 2003, p. 36).

Temos também, a contribuição de outro enfoque que vem ao encontro das ideias que se tenta elucidar, que pontua o cuidado como uma “condição que possibilita, na relação com o outro, manter e preservar a vida humana. [...] Mais do que uma essência do trabalho na saúde, o cuidado é uma dimensão da vida humana que se efetiva no encontro” (YASUI apud RAMOS; PIO, 2010, p. 5).

Assim, pode-se inferir que a questão do cuidado está intimamente interligada ao acolhimento, mesmo porque acolher requer cuidado. Nesse sentido, o exemplo de Werba (2003), em *O Caminho Das Pedras*, metaforiza o caminho percorrido pelas mulheres em situação de violência na busca de um lenitivo às suas dores

reprimidas, esquecidas, desvalorizadas, enfim. Trata de tantos entraves que a mulher oprimida tem que desbravar até alcançar a possibilidade de se fazer ouvir até ser finalmente acolhida na sua necessidade, no seu desejo, no seu tempo e na sua dor.

Deste modo vemos que os conceitos de cuidado e acolhimento estão interligados ainda que, aquele que esteja sendo acolhido em atendimento não perceba o efeito reorganizador ou terapêutico desta modalidade de atendimento psicológico.

Nesse sentido, segundo Fiorini citado por Furigo (2008), cabe ao terapeuta guardar a clareza e discernimento da condição de suscetibilidade da pessoa em acolhimento, lembrando que ela está no núcleo de uma crise:

Alto nível de ansiedade, de dificuldade para pensar, objetivar e discriminar problemas, alterações na auto-estima, distúrbios na relações com os outros, déficits na produtividade pessoal, falta de um projeto positivo de futuro, se conjugam e potencializam, criando uma escala de efeitos negativos. Tem um tempo certo de duração (FURIGO et al., 2008, p. 2).

A capacidade de ser continente (ZIMERMAN E OSÓRIO, 1997), é também um atributo a ser incorporado pela atitude do terapeuta que se propõe ao acolhimento. Sem esta propriedade não há como quem escuta suportar os relatos permeados sempre por uma densidade incomum de sofrimento.

O que se busca elucidar refere-se à relevância da prática do acolhimento, pois, nem sempre o modelo clássico de psicoterapia é apropriado à demanda. Nesse sentido, Dutra citado por Furigo (2008, pp. 3-4), argumenta:

[...] a prática clínica da Psicologia tem 'lugar sempre que o sofrimento do sujeito cria uma demanda, mas não necessariamente quando se instala uma patologia'. O autor completa seu raciocínio, afirmando que a prática da Psicologia não pode se restringir ao consultório particular, a um determinado número de pessoas, a uma determinada classe econômica, a uma técnica e muito menos a uma patologia diagnosticada.

Nesta direção, o acolhimento tem sido recurso valioso também pela característica de inclusão daqueles que por qualquer motivo, não tenham acesso à psicoterapia convencional.

Acolhimento: onde a Psicologia encontra a Pedagogia

Na perspectiva Freireana da Pedagogia do oprimido, “[...] a prática do saber escutar implica necessariamente posturas que vão requerer do educador novos aprendizados: humildade, amorosidade aos educandos e tolerância” (SAUL, 2008, p. 171). Ainda que se resguardem as diferenças entre a pedagogia e a psicologia, a lição que se refere à escuta pode ser utilizada no enfoque do acolhimento.

A escuta é de fato a base de toda e qualquer modalidade de atendimento psicoterápico, porém no acolhimento ela toma uma dimensão um pouco diferente, uma vez que pode se embasar nos fundamentos psicanalíticos, mas não na técnica psicanalítica. Não é proibido levar em conta os aspectos do inconsciente da pessoa que fala, mas não deve haver nenhum tipo de interpretação do que surge na sessão. A postura do ou da terapeuta é mais livre e mais ativa, embora a recomendação da escuta se mantenha primordial. O que vai determinar as diferentes intervenções é o grau de risco envolvido na situação trazida. Quanto maior ameaça à integridade física e psicológica da pessoa em escuta, mais ativa pode ser a intervenção. Cabe salientar a impossibilidade de qualquer intervenção do tipo aconselhamento ou imposição sobre o que deve ser feito. Nos casos em que a pessoa escutada estiver correndo risco de vida, podemos orientá-la a tomar algumas providências, inclusive encaminhar para um atendimento policial e ou jurídico, mas é necessária muita cautela nesse momento. Estamos diante de uma pessoa muito fragilizada e nossas palavras tomam uma dimensão exagerada durante a crise.

É fundamental a manutenção de uma postura acolhedora e paciente, pois a indecisão, muito comum em mulheres vítimas de violência, tende a produzir mal estar em quem escuta, podendo precipitar alguma intervenção inadequada.

De outro lado cabe salientar o fator organizador de um acolhimento bem sucedido e que pode transparecer já na segunda sessão. Em geral, no primeiro

momento do acolhimento persistem certa confusão e dificuldade de expressão verbal. Sabemos que o pensamento pode estar comprometido pelo embotamento produzido por uma vida com violência. Salientamos a importância de observar o fluxo do pensamento bem como a evolução da organização mental ao longo dos acolhimentos. Consideramos o pensamento como:

[...] a capacidade de compreender, formar conceitos e organizá-lo. Estabelece relações entre os conceitos por meio de elementos de outras funções mentais, além de criar novas representações, ou seja, novos pensamentos. O pensamento possibilita a associação de dados e sua transformação em informação estando conseqüentemente associado com a resolução de problemas que conduz a conclusões orientadas para a realidade (COMAR, 2013).

Ainda nesse contexto, outro aspecto de função de ego que pode ser citado, em relação às funções integradoras que a pessoa escutada estabelece com a situação presente, ou insight, a atitude que diz respeito à possibilidade de recuperação. Se, demonstra ter esperança de recuperação e coopera para que isso aconteça ou se permanece na desesperança e até mesmo na paralização.

Considerações Finais: Desmontando Feudos

A proposta deste artigo foi colaborar para o arcabouço teórico do acolhimento enquanto uma prática na psicologia. Buscamos compilar alguns conceitos e relacioná-los com a noção de cuidado encontrada em Boff (2013).

Buscamos apresentar um pouco do método do acolhimento como ele é realizado na Clínica Escola de Psicologia da Ulbra Torres e tecemos alguns comentários sobre este fazer.

Fica evidente que há muito que construir em termos teóricos e técnicos para que se possa legitimar ainda mais esta prática tão diligente na ajuda imediata. Já

sabemos que as práticas são diversas e ainda realizadas sob olhares um tanto desconfiados de alguns profissionais mais conservadores.

Outro ponto a salientar é que o acolhimento não se propõe a substituir nenhuma modalidade terapêutica, antes disso, é muito adequado para preparar o caminho para outras formas de atendimento.

Na experiência da Clínica Escola de Psicologia da Ulbra Torres, fazemos o acolhimento no tempo necessário para a observação de mudanças, de ganhos terapêuticos e de melhoras. Depois de constataremos alguma modificação efetiva e benéfica podemos fazer o encaminhamento da pessoa acolhida para o atendimento individual. Pudemos verificar que um acolhimento bem realizado é um bom prenunciado para um tratamento individual bem sucedido.

Nos questionamentos que nos fazemos em relação às contribuições teóricas que possamos oferecer vale trazer uma citação de Foucault:

[...] 'prática' não significa a atividade de um sujeito, mas designa regras que submetem sujeitos. Além disso, discurso são práticas que constituem os objetos e as realidades sobre as quais operam, sendo assim, não existe prática livre de sistema discursivo. Assim, é o discurso que constitui a prática. (LASTA; GUARESCHI; CRUZ, 2012, p. 57)

Nesse sentido, o acolhimento enquanto postura pode ser considerado um componente cujo potencial reorganizador é observável na fala, na forma de expressão da pessoa, a qual se modifica de uma sessão para a outra, denotando maior clareza e organização dos pensamentos e sentimentos que vão se delineando mais ordenadamente na sessão.

Podemos citar também a possibilidade de expansão de experiências positivas veiculadas em artigos e publicações em geral nas quais o acolhimento vem sendo o referencial utilizado na saúde pública nas mais diversas ramificações do conhecimento, seja na psicologia, na enfermagem, medicina, assistência social, até mesmo porque, se tem recorrido e utilizado o referencial do acolhimento na saúde pública como ingrediente presente nas propostas das políticas sociais.

Pode-se observar este exemplo, em especial, nos Centros de Referência de Assistência Social (Cras). Nesse sentido, cabe a observação de Oliveira (2012, p 48-49), que contribui elucidando:

É mister aos psicólogos que se aventuram no terreno da assistência social, clínicos, sociais ou de qualquer adjetivação da Psicologia, uma práxis que, se não revolucionária, tenha a superação da desigualdade como meta; que não culpabilize os sujeitos por sua condição e não coloque sobre eles a responsabilidade pelo seu sucesso. Uma práxis cuja operacionalização tenha em vista os limites da ciência psicológica e suas possibilidades de avanço em direção à justiça social e ao resgate dos direitos humanos e sociais.

Pode-se dizer que há muito que caminhar, há que se que buscar o referencial do acolhimento, entre outros, como subsídio independente da prática psicoterápica a ser utilizada, pois, sem o cuidado que é condição *sine qua non* para o acolhimento, não há terapia.

Temos a crítica que Zygouris (2011), lança ao argumentar que nem sempre o paciente busca e quer uma análise, mas simplesmente ele deseja se fazer ouvir, ou estar num lugar em que possa falar, pois não há um enquadre que justifique a demanda da análise propriamente dita. O argumento apresentado trata do um sintoma da sociedade atual, provocando a necessidade de se buscar caminhos, apontar recursos.

Por outro lado, nos obrigamos a olhar para as realidades líquidas denunciadas por Bauman (2001), e vemos ainda mais a necessidade de dar a devida consistência para esta prática denominada acolhimento. Mesmo que a técnica pareça em um primeiro instante ser superficial, visto que não tende nem ao trabalho transferencial, nem ao contato com o passado, já temos os dados da prática apontando um significativo resultado psicoterapêutico.

Concluindo, podemos dizer que o acolhimento é uma forma bastante eficaz de trabalhar com situações emergentes, diversas e urgentes, com exceção de surtos psicóticos, tanto em locais públicos quanto privados. Em nossa experiência ela atende muito bem a pessoas adultas, que buscam ajuda de modo espontâneo para questões mais específicas relacionadas aos estados de ansiedade. Nosso maior acúmulo de conhecimento está na área do atendimento a mulheres em situação de violência para quem o acolhimento foi e continua sendo uma importante fonte de

ajuda. Foi nesta modalidade de atendimento que construímos a experiência de atendimento a mulheres em situação de violência no município de Torres, bem como a proposta para o Centro de Referência das Mulheres na mesma cidade.

Nas últimas palavras deste artigo, fica também o registro sobre o preconceito contra o acolhimento como legítima modalidade terapêutica. Para algumas pessoas ainda existem verdades absolutas, teorias hegemônicas e territórios de exclusividade no campo da psicologia. Para nós, existem as teorias, as práticas, os problemas e as pessoas que precisam de ajuda. Para as últimas pouco importa a teoria e ou a técnica, mas o alívio da dor e é para elas que seguiremos desmontando mitos e feudos na esperança de uma psicologia realmente social, crítica e solidária.

Referências

ALONSO, Silvia Leonor. **A escuta psicanalítica**. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/percurso/main/pcs35/35Alonso1.htm>>. Acesso em: 05 maio 2013.

BAUMAN, ZYGMUNT. **Modernidade Líquida**. São Paulo: Zahar, 2001.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

ACOLHIMENTO. Disponível em: <<http://bvms.saude.gov.br/bvs/dicas/167.html>>. Acesso em: 26 abr. 2013.

CARLSON, Ana Cristina Romero; GOULART, Marilu. Acolhimento: as Interfaces do encontro. In. CRUZ, Lílian Rodrigues da; GUARESCHI, Neuza (orgs.). **O psicólogo e as políticas públicas de assistência social**. Petrópolis: Vozes, 2012.

COMAR, Suyane Elias. **Processos psicológicos básicos**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/psicologia/processos-psicologicos-basicos/>>. Acesso em: 05 jun. 2013.

DICIONÁRIO epistemológico on line. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/palavras/acolher>>. Acesso em: 26 abr. 2013.

FERREIRA, A. B.de H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FURIGO, Regina Célia Paganini Lourenço et al. Plantão psicológico: uma prática que se consolida. **Bol. Psicol**, São Paulo, v. 58, n. 129, dez. 2008. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v58n129/v58n129a06.pdf>>. Acesso em 26 abr. 2013.

GOMES, M.C.P. A; PINHEIRO, R. Acolhimento e vínculo: práticas de integralidade na gestão do cuidado em saúde em grandes centros urbanos. **Interface – Comunic., Saúde, Educ**, v. 9, n. 17, p. 287-301, mar./ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n17/v9n17a06.pdf> >. Acesso em 26 abr. 2013.

GUARESCHI, P. A.; VERONESE, M. V. Porque trabalhar com economia solidária na Psicologia Social. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n.1, pp. 94-101, jan. /mar. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1466/4147>>. Acesso em: 05 jun. 2013.

LASTA, Letícia Lorenzoni; GUARESCHI, Neusa Maria de Fátima; CRUZ, Lílian Rodrigues da. A psicologia e os centros de referência em assistência social: problematizações pertinentes. In. CRUZ, Lílian Rodrigues da; GUARESCHI, Neusa (orgs.). **O psicólogo e as políticas públicas de assistência social**. Petrópolis: Vozes, 2012.

NEVES. C.; ROLLO. A. **Acolhimento nas práticas de produção de saúde**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde / Secretaria de Atenção a Saúde / Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização, 2006.

OLIVEIRA, Isabel Fernandes de. Os desafios e limites para a atuação do psicólogo no Suas. In CRUZ, Lílian Rodrigues da; GUARESCHI, Neusa (orgs.). **O psicólogo e as políticas públicas de assistência social**. Petrópolis: Vozes, 2012.

RAMOS, Priscila Freitas; PIO, Danielle Abdel Massih. Construção de um projeto de cuidado em saúde mental na atenção básica. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 30, n. 1, 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30n1/v30n1a16.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2013.

SAUL, Ana Maria. Escutar. In STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SILVA, Adalberto Prado E. et al. **Dicionário Balsa da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1982.

WERBA, Graziela C. O caminho das Pedras – reflexões sobre o acolhimento a mulheres em situação de violência. In: NUNES, Maria do Rosário. **Os Direitos Humanos das Mulheres e das Meninas: enfoques feministas**. Porto Alegre. Assembléia Legislativa do RS. 2003.

_____ **O tudo e o nada:** mulheres e representações sociais da violência contra a mulher. 204. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, 2004.

_____ Comunicação verbal. In: SEMANA ACADÊMICA DO CURSO DE PSICOLOGIA, 2008, Torres. [**Anais...**]. Torres: ULBRA, 2008.

_____ Comunicação verbal. In: **Reunião de supervisão de acolhimento.** Torres: ULBRA, 2013.

ZIMERMAN, D. E.; OSÓRIO, L. C. **Como trabalhamos com grupos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ZYGOURIS, Radmila. **Psicanálise e psicoterapia.** São Paulo: Via Lettera, 2011.